



## Museu Treze de Maio: um espaço de memória e identidade negra em Santa Maria - RS

## Museu Treze de Maio [May Thirteenth Museum]: a space for Black memory and identity in Santa Maria-RS

### *Lucinéia Inês Weber*

Bacharel em Ciências Sociais  
Especialista em História do Brasil  
Mestranda em Ciências Sociais.

### *Maria Catarina Chitolina Zanini*

Mestrado em Antropologia  
Doutorado em Ciência Social (Antropologia Social)  
e Pós-doutorado pelo Museu Nacional.

Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do NECON/UFSM (Núcleo de Estudos Contemporâneos). Membro do Comitê de Inovação Científica de Inovação Tecnológica da UFSM. Tem experiência na área de Antropologia, trabalhando principalmente com as seguintes temáticas: migrações, teoria antropológica, campesinato e etnicidade. Pesquisadora Associada do NIEM-UFRJ (Núcleo de Estudos Migratórios).

#### **Resumo:**

Esta proposta de trabalho é um desdobramento da pesquisa de Mestrado em Ciências Sociais desenvolvida na Universidade Federal de Santa Maria. A questão norteadora deste trabalho é buscar compreender se o Museu Treze de Maio tem sido um agente mobilizador dos processos de identificação étnica e da construção de uma memória negra em Santa Maria/RS. Busca-se analisar de que maneira se dão as relações entre construção de identidade negra e a valorização da memória afrodescendente no Museu Treze de Maio. Por memória entende-se, segundo Halbwachs (1990), a leitura sobre o passado elaborada no presente, por meio dos recursos nele existentes. Consideramos o Museu como um lugar de memória (Nora, 1993), no qual um espaço passa a ser lugar (com sentido e significado) e o patrimônio, como no caso do Museu, passa a ter como característica a "preservação" (termo nativo) e a atualização da memória. Percebemos que as atividades desenvolvidas no Museu ressaltam o pertencimento e valorizam a identidade de seus frequentadores.

**Palavras-chave:** Memória. Preservação. Museologia.

#### **Abstract:**

This proposed study is part of a Research developed at the Federal University of Santa Maria for the Master's Program in Social Sciences. The guiding question of this study is to understand whether the Museu Treze de Maio has been a mobilizing agent of the processes of ethnic identification and of construction of a black memory in Santa Maria / RS. It seeks to analyze how the relationship between the construction of a black identity and the

valorization of African descent memory in the Museu Treze de Maio happens. Memory is understood, according to Halbwachs (1990), as the reading about the past elaborated in the present, through the resources existing in it. We consider the museum as a place of memory (Nora, 1993), in which a space becomes a place (with sense and meaning) and the patrimony, as in the case of the Museum, receives the characteristic of "preservation" (native term) and memory upgrade. We perceive that the activities at the Museum highlight the belonging and value the identity of their regular frequenters.

**Keywords:** Memory. Preservation. Museology.

## Introdução

Esta proposta de trabalho é um desdobramento da pesquisa de Mestrado em Ciências Sociais desenvolvida na Universidade Federal de Santa Maria. Busca-se analisar de que maneira se dão as relações entre construção de identidade negra e a valorização da memória afrodescendente no Museu Treze de Maio. Por memória entende-se, segundo Halbwachs<sup>1</sup>, a leitura sobre o passado elaborada no presente, por meio dos recursos nele existentes.

Consideramos o Museu como um lugar de memória<sup>2</sup>, no qual um espaço passa a ser lugar (com sentido e significado) e o patrimônio, como no caso do Museu, passa a ter como característica a “preservação” (termo nativo) e a atualização da memória. Percebemos que as atividades desenvolvidas no Museu ressaltam o pertencimento e valorizam a identidade de seus frequentadores.

O Museu Treze de Maio foi criado no ano de 2001, com o intuito de preservar o espaço que anteriormente abrigava um Clube Social Negro, a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, um Clube criado pelos ferroviários negros da cidade de Santa Maria que eram impedidos de frequentar os clubes dos brancos. A importância das atividades desenvolvidas por esse Clube foi relevante ao ponto que, mesmo após a sua decadência em meados da década de 90, os membros sentem a necessidade de revitalizar o local, principalmente pela importância no que tange a memória dos antigos frequentadores, e dessa forma, por meio de um processo de mobilização, é criado o Museu Treze Maio.

## Museu Treze de Maio: memória e identidade negra em Santa Maria

No presente trabalho buscamos discorrer acerca do Museu Treze de Maio, suas representações passadas e atuais no que diz respeito ao processo de construção de uma memória negra na cidade de Santa Maria e dos processos de identificação nele vivenciadas. O trabalho de pesquisa está sendo realizado principalmente na sede do Museu, localizado na Rua Silva Jardim, 1407, na cidade de Santa Maria/RS. Além do espaço físico do Museu, Weber frequentou locais comuns aos informantes de pesquisa, com o intuito de manter um maior contato com eles e consequentemente agregar mais conhecimento para desenvolver o presente trabalho.

<sup>1</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

<sup>2</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

A questão norteadora deste trabalho é buscar compreender se o Museu Treze de Maio tem sido um agente mobilizador dos processos de identificação étnica e da construção de uma memória negra em Santa Maria/RS.

A justificativa para a escolha deste tema se deu devido à importância do estudo das relações entre diferentes grupos étnicos<sup>3</sup> e também da busca por uma melhor compreensão do papel desempenhado pelo “Museu Treze de Maio” para a população negra local. Percebemos seu valor não somente do ponto de vista material, mas principalmente simbólico, no que diz respeito à memória de um grupo de pessoas negras que frequentaram aquele espaço enquanto clube negro e que hoje, ressignificado, tem contribuído para a reflexão acerca da identidade negra e que representa um importante espaço de sociabilidade que este grupo possui na cidade. Compreendemos por sociabilidade a capacidade que os indivíduos têm de viver em sociedade e ao entrar em contato com outras pessoas desenvolvem relações, sejam elas familiares, de amizade, profissionais, etc. Trata-se de um espaço de partilha e troca em que as memórias transitam e circulam, tornando-se, assim, significativas para as gerações mais novas por meio de sua atualização.

Desde o início Weber optou em utilizar a etnografia como metodologia para a realização desta pesquisa, motivada pelo fato de considerá-la o método que melhor corresponde ao desenvolvimento deste trabalho, devido à necessidade de observação, descrição e principalmente de conhecimento aprofundado de seu objeto de estudo. Por etnografia compreendemos um método que tem por objetivo buscar compreender os significados pertencentes a um grupo, como por exemplo, o Museu Treze de Maio.

A entrada em campo não foi dificultada, provavelmente por já termos um contato prévio com o local e seus membros, no ano de 2010, desenvolvendo atividades relacionadas a um projeto de iniciação científica. Apesar de realizar atividades distintas, o contato mantido, enquanto transcrevia as atas, permitiu que as “portas fossem abertas” para que Weber pudesse continuar frequentando o Museu, objetivando realizar sua de mestrado. Nesse sentido, gostaríamos destacar que durante as visitas de Weber ao Museu, seja para transcrever as atas ou para fazer as observações de campo, era indagada acerca do que fazia ali, mas com o passar do tempo essas perguntas aparentemente deixaram de ser necessárias, as pessoas passaram a lhe ver com certa “naturalidade”. A participação em algumas atividades proporcionou maior interação e foi uma forma encontrada para se aproximar daqueles que são os informantes da pesquisa.

Antes da criação do Museu Treze de Maio que ocorre no ano de 2001, o espaço do Museu abrigou um Clube Social Negro: a *Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio*, um clube criado por ferroviários negros em 1903, motivados principalmente pelo fato de não terem acesso aos clubes da época, todos eles, destinados às pessoas brancas e por almejavam ter para si e suas famílias um lugar de lazer e sociabilidade.

---

<sup>3</sup> BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT P.; STREIFFE-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

No meio social em que viviam em suas atividades profissionais percebiam que seus colegas frequentavam os clubes da cidade, clubes de caráter principalmente recreativo e a partir disso começam a pensar em criar também um clube para partilhar de momentos de lazer com suas famílias e amigos.

Durante o contato que estamos tendo com antigos frequentadores e sócios desse clube, pudemos compreender que muitos negros, filhos ou familiares de ferroviários haviam sido impedidos de entrar no clube por fatores que diziam respeito principalmente a trajarem vestimentas inadequadas para entrar, por maus comportamentos ou problemas de ordem econômica. Percebemos no Clube, um poder que por vezes não foi explícito, mas ainda assim perceptível, as pessoas sabiam como deveriam se portar, vestir-se e principalmente sabiam que se não seguissem as regras impostas pelos dirigentes do clube, eles fariam por meio dos mecanismos de poder disponíveis, com que fossem não muito bem vistos nessa sociedade. Na cidade do Rio de Janeiro Giacomini<sup>4</sup> também observa no clube Negro Renascença uma hierarquização e distinção entre famílias negras.

O contexto do surgimento de um Clube Social Negro na cidade está ligado às diversas formas de preconceito racial que eram marcantes naquele período. A discriminação racial é vista como um dos maiores motivos que levou os negros a se organizar e criar as suas próprias associações e outros locais de sociabilidade.<sup>5</sup> Cabe ressaltar que a formação dos primeiros clubes sociais negros é anterior a abolição da escravatura, portanto, antes mesmo do ano de 1888 essas formas de associação já existiam.

Segundo Giacomini<sup>6</sup>, quando a cor da pele, como é o caso do *preconceito de marca*, caracterizado por Nogueira<sup>7</sup>, opera como estigma, a manipulação ou intervenção na aparência funciona como um calibrador, que procura equilibrar o que é percebido como incongruência ou discrepância entre os dois elementos. As intervenções conscientemente direcionadas nas formas de se apresentar terão um sentido de compreensão daquele elemento, por si só completamente negativo e desabonador, que é o estigma de ser negro.

Compreendemos que houve forte influência da atividade ferroviária na cidade de Santa Maria e que seus desdobramentos podem ser verificados na formação da cidade. O *status* obtido com essa atividade é até hoje evidenciado na fala dos trabalhadores, havendo, em seu passado, vários investimentos econômicos em moradia e institutos educacionais. A criação de Clubes de caráter recreativo assim como a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, foram importantes também no sentido de reforçar laços entre os trabalhadores da Ferrovia.

---

<sup>4</sup> GIACOMINI, Sonia Maria. *A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro- O Renascença Clube*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

<sup>5</sup> ESCOBAR, Giane Vargas. *Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. Dissertação de mestrado, UFSM, 2010.

<sup>6</sup> GIACOMINI, 2006, p. 36.

<sup>7</sup> NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Anais do XXXI. Congresso Internacional dos Americanistas, realizado em São Paulo em Ago.1954 v.1.

Após um período de declínio, o Clube teve a decadência definitiva, com término de suas atividades no início da década de 90, sendo este o motivo da revitalização do espaço e transformação em um Museu de caráter comunitário, dando origem ao Museu Treze de Maio, em 2001. Por museu comunitário entendemos um espaço construído coletivamente, no qual a comunidade e o grupo de agentes envolvidos no processo têm autonomia para atuar e contribuir, vindo assim a criar um espaço de memória como é caso do Museu Treze de Maio.

O Museu não é totalmente aberto ao público. Ele é aberto apenas quando há ensaios, reuniões e outros eventos. As chaves do Museu estão sob responsabilidade de algumas pessoas, por exemplo, a diretora técnica e coordenadores (as) de oficinas. Percebemos que há uma relação de confiança para com as pessoas que possuem as chaves, pois são pessoas que frequentam o Museu há bastante tempo, com assiduidade e trazem um retorno, utilizando o espaço para atividades que dão visibilidade e o divulgam.

Durante o trabalho de campo participamos de vários eventos realizados no Treze (e pelo Treze), as atividades da Semana da Consciência Negra são um exemplo. Todos os anos o Museu Treze de Maio organiza uma programação específica para a data, geralmente a programação ocorre ao longo de todo o mês de novembro e buscam chamar a atenção da população santa-mariense para o Museu e para as pessoas que o frequentam.

Visitar e observar o Treze está nos possibilitando compreender que o espaço do Museu não é somente um lugar em que há um sentimento de pertencimento comum aos seus frequentadores, mas, mais do que isso, é um local no qual identidades são construídas, incorporadas e principalmente valorizadas.

Compreendemos que os laços de parentesco também servem como motivação para as pessoas frequentarem o Museu. Percebemos isso, pois o fato dos pais e avós terem feito parte do Clube Social faz com que, na atualidade, filhos e netos frequentem o Museu. Há também casos de pessoas que hoje frequentam o Museu apesar de seus familiares não terem feito parte do Clube no passado. Esses casos não podem ser generalizados, mas, são recorrentes entre as pessoas com as quais tivemos contato.

O maior contato no Museu foi com os membros da diretoria e com os dinamizadores pelo fato de frequentarem o local durante a semana, os ensaios e oficinas acontecem geralmente aos finais de semana.

O principal legado do Museu Treze de Maio é a memória, sendo realizadas diversas atividades para a valorização desta: ciclos de cinema com a temática negra, grupos de dança afro, capoeira, grupo vocal de mulheres negras e especialmente a *Roda de Lembranças*. A Roda de Lembranças é um encontro promovido anualmente pela diretoria e dinamizadores do Museu, para a qual são convidados antigos membros, sócios ou frequentadores do Clube com o objetivo de compartilhar com o público interessado, as lembranças da Ferrovia, do Clube e também a própria história de vida dessas pessoas.

Compreendemos, portanto, que a memória é uma característica central ao estudar o Treze, acreditamos que ele pode ser visto como um lugar de memória.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, por que essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada, sobre focos privilegiados e enciumados guardados nada mais faz do que levar a incandescência a verdade de todos os lugares de memória.<sup>8</sup>

Nossas memórias são selecionadas, construídas, articuladas e por vezes incorporamos discursos que não pertencem a nós particularmente, mas os relatamos como sendo nossos. É algo complexo tratar sobre a memória, pois, quando se fala em memória remetemos diretamente a relações de poder. A memória só existe enquanto é partilhada, em alguns casos pode acontecer da memória coletiva ser transformada em uma memória nacional. “Para que a memória dos outros, venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso também (...) que as lembranças destes grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado”.<sup>9</sup>

Quanto à memória do Clube Social (Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio) foi ainda maior a necessidade que os seus frequentadores sentiram de mantê-la atualizada. Após a decadência do Clube, que ficou fechado por vários anos, um grupo de pessoas se une para tentar de alguma maneira poder se “apropriar” daquele espaço com o intuito de revitalizá-lo e disseminar a importância deste Clube para a população negra santa-mariense. O Museu Treze de Maio é um de vários outros exemplos que poderia ser citado para exemplificar como as consequências da atividade ferroviária na cidade continuam em evidência em seu cotidiano.

Há uma relação direta entre memória e identidade, ou melhor, entre a construção da memória e a construção da identidade, alguns autores já abordaram essa relação como, por exemplo, Pollak.<sup>10</sup> A memória sempre tem um princípio que é o de evocar, evocar aquilo que se considera necessário, a memória coletiva depende da individual e vice-versa. Mesmo lembranças individuais remetem a ações que são coletivas. Assim, as atividades como a Roda de Lembranças que acontecem no Museu, por exemplo, possibilitam que memórias individuais sejam partilhadas em grupo e passem a ter sentido também na coletividade, mantendo “viva” a memória dessas pessoas.

De acordo com as informações obtidas ao longo do trabalho, o processo de *revitalização* (termo nativo) do antigo Clube e a criação do Museu Treze de Maio, não foi um processo simples e nem se deu de maneira pacífica. Foi necessária muita persistência e empenho em tentar transmitir aos antigos e novos frequentadores as reais intenções em se criar o Museu e sobre a importância dele ser criado no mesmo espaço do Clube.

---

<sup>8</sup> NORA, 1993, p. 13.

<sup>9</sup> HALBWACHS, 1990, p. 78.

<sup>10</sup> POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

As motivações para a criação do Museu foram diversas, mas, especialmente pela necessidade de manter preservado um local que fora tão importante para a população negra santamariense. Objetivando manter naquele espaço a possibilidade de dar continuidade a algumas atividades que eram desenvolvidas no antigo Clube.

Os principais agentes nesse processo foram acadêmicos do curso de Museologia da UNIFRA e integrantes do movimento negro da cidade. De acordo com Domingues<sup>11</sup>, movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Fazemos uso dessa definição para compreender o movimento negro na cidade de Santa Maria/RS.

As maiores dificuldades encontradas nessa transição de Clube a Museu referem-se à aceitação dos frequentadores e sócios em se transformar um Clube, que tinha caráter recreativo e que era conhecido pelos seus bailes de gala e pelas suas festas em um Museu. Percebemos que apesar das críticas feitas ao se pensar em criar o Museu Treze de Maio, sua criação foi uma forma encontrada para manter esse espaço em atividade e mesmo que tenha mudado seu caráter, tendo como consequência a manutenção da história do Clube.

O acervo do Museu se constitui basicamente de fichas de antigos associados, de atas e fotografias doadas por ex-frequentadores do Clube Social e de livros doados, além é claro, de bens de caráter imaterial. Quanto às doações feitas para o Museu gostaria de destacar o que Possamai escreve acerca de como um objeto se torna peça de museu.

Essa passagem de um objeto do cotidiano à peça de museu revela motivações individuais ou sociais. Esse percurso pode ser feito através de uma busca efetivada pela instituição- de acordo com os próprios critérios de coleta e pesquisa- ou pelas doações que são oferecidas ao museu. Dessa forma, o museu e os objetos ali preservados são frutos de uma vontade de conservação levada a efeito por grupos, instituições ou indivíduos. Tudo que é guardado no museu, deve-se a escolhas efetivadas por agentes sociais.<sup>12</sup>

O prédio no qual se localiza o Museu possui dois andares, no térreo há um grande espaço que geralmente é usado para realizar as reuniões e exposições, há também uma sala em que são guardados os instrumentos musicais que são usados nas oficinas de dança e capoeira. Além desses ambientes, há uma sala da diretoria, uma sala de reserva técnica em que são guardados os documentos do Treze e há ainda uma cozinha e banheiros. O Museu possui um elevador, mas ele não funciona e por isso acesso para o segundo pavimento se dá por meio de uma escada. Ali há o espaço do antigo salão de festas do Clube, esse espaço atualmente é usado para realizar os ensaios, oficinas e eventos com maior número de pessoas.

---

<sup>11</sup> DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos teóricos*: Revista Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23. p. 101.

<sup>12</sup> POSSAMAI, Zita Rosane. *As artimanhas do percurso museal: narrativas sobre objetos e peças de museu*. MOUSEION, vol. 4, n. 7, Jan-Jun/2010. p. 65.

Quando falamos do Museu Treze de Maio precisamos levar em conta que este é um Museu de caráter comunitário, em que quase tudo é obtido por meio do esforço de seus frequentadores, pois não possui muitas verbas para sua manutenção e o espaço físico ainda está muito longe daquilo que eles merecem.

Uma característica marcante no Museu Treze de Maio é o pertencimento. De acordo com Escobar (2010), o sentimento de pertencimento pode estar relacionado a um território amplo (Identidade Nacional) ou a características restritas, alguns indivíduos participantes de grupos étnicos, religiosos ou de gênero.

Conforme Barth<sup>13</sup>, se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com os outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão.

Para Escobar<sup>14</sup>, o Museu Treze de Maio ao longo de seus quase dez anos de existência tem sido palco e laboratório para a realização de inúmeros projetos acadêmicos, que não ficaram somente no âmbito teórico, muito pelo contrário deram um retorno prático para a comunidade interessada. De exposições aos mutirões de limpeza; das “Palestras Culturais”, com café do final da tarde às entrevistas para o Banco de História Oral e a correria para encontrar antigos sócios do Treze para participarem da “Roda de Lembranças”.

Para concluir essa discussão acerca da contribuição da criação do Museu Treze de Maio e suas representações, gostaríamos de ressaltar que a partir das nossas indagações pudemos compreender os diferentes significados do Treze para essas pessoas. O Museu além de ser um local onde se realizam atividades que promovem a sociabilidade, é um lugar em que as pessoas criam ou encontram laços de pertencimento e mais do que isso, o Treze é um lugar de construção de identidades e de valorização da memória. Trata-se de um lugar.<sup>15</sup>

De acordo com De Certeau “os lugares são histórias fragmentarias e isoladas em si dos passados roubados à legibilidade por outro”.<sup>16</sup> Nós damos significação a um lugar a partir do momento que compreendemos que existem elementos memoráveis como no caso do Clube Treze de Maio.

Para Nora, “os lugares de memória são, antes de tudo, restos”.<sup>17</sup> A “forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” e segundo o autor “a verdadeira percepção do passado consiste em considerar que ele não é verdadeiramente

---

<sup>13</sup> BARTH, 1998.

<sup>14</sup> ESCOBAR, Giane Vargas. Museu Treze de Maio e as Políticas Públicas a favor da Preservação da Memória e Salvaguarda dos Clubes Sociais Negros do Brasil. In: SOARES, A. L. R. (org). *Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade*, Casa Aberta Editora, Itajaí, 2010.

<sup>15</sup> AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

<sup>16</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 189.

<sup>17</sup> NORA, 1993, p. 12.



passado”.<sup>18</sup> Essa consideração do passado que não é passado da qual Nora escreve, é perceptível no caso do Museu, apesar do Clube fazer parte do passado a memória dele é ainda bastante latente na atualidade.

O Treze pode ser visto também como o que Possamai denomina de Museu Guardiã no que tange as motivações das pessoas para doar seu material para um museu e as expectativas que tem ao fazê-lo. Segundo a autora o museu é “depositário dos objetos destituídos de lugar na vida dos indivíduos, mas que, *por seu valor*, não merecem desaparecer”.<sup>19</sup>

Nesse sentido, o museu é representado como um *guardião*. Guardiã dos objetos, mas também dos significados, das lembranças, das memórias, do passado, das lembranças da infância e da juventude que eles carregam, enfim, de tudo que se considere importante para perdurar, “para ficar”, “para não se perder”. Pouco importa se esses objetos nunca mais serão vistos ou se o depoente irá um dia visitar o museu para lembrar aquilo que está depositado com eles. Não importa, pois se sabe que lá está “seguro”, “cuidado”, “guardado”. Se os objetos depositados no museu estão a salvo, pode-se permitir esquecer a sua existência, como ocorreu com alguns depoentes que não recordavam terem feito a doação há vários anos.<sup>20</sup>

Grande parte das pessoas que doa suas “lembranças” ao Museu o faz por acreditar que dessa forma seus objetos estarão mais bem guardados e que assim podem ser vistos pelas demais pessoas, diferentemente do que se tivessem ficado com elas. Outra motivação para fazer a doação é o medo que as pessoas têm de que após a sua morte esses objetos se “percam” ou que as pessoas não saibam dar a eles o valor que ela julga merecer. Não é qualquer objeto que é levado ao Museu, às pessoas doam aquilo que elas realmente acreditam que mereça ser guardado para a posteridade.

No caso do Museu Treze de Maio podemos verificar as mesmas motivações para se guardar objetos que Possamai<sup>21</sup> escreve referindo-se a Porto Alegre, principalmente no caso das atas do antigo Clube Social. Grande parte do material que hoje se encontra no Museu foi recuperado através de doações de pessoas que acreditavam que os documentos ficariam guardados de maneira mais adequada no Museu.

De acordo com Mauss<sup>22</sup>, o dom é algo que vincula as pessoas com as coisas, quando criamos relações nos vinculamos aos outros e são esses vínculos que criam os laços sociais. No caso do Museu há uma relação de troca, entre dar e receber, as pessoas, ao doar seus objetos para o Museu desejam que esses objetos sejam bem guardados, percebo nesse sentido, uma relação de reciprocidade ou ainda um pacto de confiança.

O Museu Treze de Maio realiza várias atividades que objetivam a atualização da memória, principalmente a memória dos frequentadores do antigo Clube, cujos princípios e conquistas

---

<sup>18</sup> NORA, 1993, p. 18

<sup>19</sup> POSSAMAI, 2010, p. 66.

<sup>20</sup> POSSAMAI, 2010, p. 68.

<sup>21</sup> POSSAMAI, Zita Rosane. *Nos bastidores do museu: patrimônio e passado na cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

<sup>22</sup> MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. SP, Cosac Naif, 2003.

continuam sendo compartilhadas de forma a demonstrar o quão importante foram na busca de melhores condições de lazer, de sociabilidade e também de aceitação perante os outros.

### **Considerações finais**

Compreendemos que as memórias do Treze se mesclam com a história da cidade de Santa Maria devido ao seu impacto na vida e nas lembranças das pessoas que tiveram contato com ele. O espaço do Treze enquanto Museu possibilitou o desenvolvimento de mecanismos de valorização dessa memória, é pelas intervenções e interações entre as pessoas que o frequentam que ele passa a fazer sentido, tornando-se um importante elo de ligação, e mais do que isso, uma ferramenta de rememoração da memória, da identidade e um importante local de sociabilidade de negros na cidade.

### **Referências**

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: P. Poutignat e Jocelyne Streiffe-Fenart. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP. 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos teóricos*: Revista Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23.

ESCOBAR, Giane Vargas. *Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. Dissertação de mestrado, UFSM, 2010.

ESCOBAR, Giane Vargas. *Museu Treze de Maio e as Políticas Públicas a favor da Preservação da Memória e Salvaguarda dos Clubes Sociais Negros do Brasil*. In: SOARES, A. L. R. (org). Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade, Casa Aberta Editora, Itajaí, 2010.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro- O Renascença Clube*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. SP, Cosac Naif, 2003.

NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil*. Anais do XXXI. Congresso Internacional dos Americanistas, realizado em São Paulo em Ago.1954 v.1.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POSSAMAI, Zita Rosane. *As artimanhas do percurso museal: narrativas sobre objetos e peças de museu*. MOUSEION, vol. 4, n. 7, Jan-Jun/2010.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Museu na cidade: um agente de mudança social e desenvolvimento?* Museologia e Patrimônio- v. 3, n. 2, Jul/Dez de 2010.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Nos bastidores do museu: patrimônio e passado na cidade de Porto Alegre*. Porto alegre: EST Edições, 2001.